

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

César Donizetti Bazana

Centro de Memória da Etec Trajano Camargo

Limeira/SP

2020

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistadora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Instituição: Etec Trajano Camargo, em Limeira/SP

Levantamento de dados preliminares à entrevista:

Um texto sobre as habilitações profissionais técnicas nos anos 1970 estava sendo escrito como projeto de pesquisa com hora de atividade extraordinária (HAE), oferecida pelo Centro Paula Souza. A entrevistadora e entrevistado trabalharam juntos no Trajano Camargo, por algum tempo. Bazana foi aluno, professor e coordenador de eletromecânica e do curso de eletroeletrônica, que o sucedeu, além de coordenador. Apesar dos vários compromissos profissionais encontrou tempo para a entrevista e para a sessão comemorativa dos 40 anos do primeiro curso da área de elétrica no então denominado Centro Estadual Interescolar Trajano Camargo. Foi homenageado no evento, realizado em outubro de 2015.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Local da entrevista: sala de coordenação pedagógica/orientação educacional da Etec Trajano Camargo, Rua Tenente Belizário, 439, centro, Limeira/SP

Data: 03 de junho de 2015

Técnico de gravação: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Duração: 20 minutos e 11 segundos

Número de vídeos: 01

Transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Número de páginas: 12

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada para a coleta de dados sobre o funcionamento do curso de eletromecânica (currículo, professores, alunos, laboratório, visitas técnicas), posteriormente, substituído por eletroeletrônica. A pesquisa em andamento era “Os cursos técnicos da área de elétrica na escola Trajano Camargo: permanências e mudanças (1975-2014)”.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 21 de junho de 2015

Nome do transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

MAGB: [É aqui. Deixa ver se está funcionando. Tá. Hoje é dia 03 de junho de 2015. Nós vamos fazer uma entrevista ... mas não está aparecendo. Ah, claro que não . Vamos fazer, aí vamos começar. Tá ruim. Tá escuro. Tá escuro. Não tá legal. Vamos primeiro acertar a máquina.
Bazana: Agora tá boa?

MAGB: Não, aqui vai ficar melhor, pera aí . Aqui é um ângulo bom. A luz também acho que está boa. Ah, vai ficar ótima. Deixa pegar os dados para não falar besteira.]

MAGB: Hoje é dia 03 de junho de 2015. Dando prosseguimento aos estudos da história da escola Trajano Camargo, nós trouxemos hoje César Donizetti Bazana que foi aluno de eletromecânica, 3a. turma de eletromecânica na escola. Depois ele foi professor de eletromecânica e de eletroeletrônica, foi coordenador e vai colaborar com a nossa pesquisa a respeito das habilitações profissionais de técnico na escola Trajano Camargo, nos anos de 1970. A turma dele foi de 1977 – 77, 78, 79, até 1980. Hoje em dia, ele é engenheiro mecânico, gerente da empresa Prometal e professor da área de mecânica do Colégio Técnico de Limeira. Ele vai fazer a gentileza de dizer assim... Vamos ver o que ele vai lembrar a respeito do tempo dele como aluno, as disciplinas, os professores, o laboratório, enfim, o que a gente pode resgatar desse passado que a gente precisa fazer as entrevistas pra gente saber o vivido naquela época. Então Bazana, eu acho que só não coloquei (ah, a sua data de nascimento eu tenho), os seus dados que já tenho. Sinta-se à vontade. Professor sempre se sente à vontade em frente de alguma luz.

CDB: Certo.

MAGB: Pode falar. O que você lembra de seu tempo de estudante?

CDB: Antes de mais nada, boa noite. Naquela época, em 1977, os estudantes, nós, é, tínhamos sede de aprender. Naquela época, a sede de aprender, de saber era muito importante, principalmente, os cursos técnicos. Os alunos vinham querendo ser alguém no futuro, ter uma profissão. Então a gente se dedicava às aulas, a gente fazia o curso que gostava. Então você tinha a escolha – mecânica, metalurgia, eletro ou desenho. Então a gente escolhia a área que mais gostava, que mais se identificava. As matérias eram bem detalhadas, a gente tinha máquinas e aparelhos elétricos,

eletrotécnica, noções de eletrônica básica, comandos elétricos. Na época, ainda tinha mecânica associada. Então tinha aula de produção mecânica, desenho técnico, a parte de resistência dos materiais. E eram professores todos bons. Tinha alguns mais idosos, mais vividos e tinha alguns novos também. Fui aluno do José Henrique, o Zezinho, fui aluno do Paulo Silveira que, hoje dá aula comigo lá também [no COTIL], fui aluno do seu Mikami, Odecio Lucke, Caetano Grizzo, Ari Rigatto, toda essa turma que a gente sabe que eram professores de muita categoria. Eles gostavam do que faziam.

MAGB: E como característica da turma, a sua, você sempre estudou no noturno?

CDB: Sempre.

MAGB: Conta essa coisa aí, a gente sabe que tinha vestibulinho só que, por exemplo, não acho nada onde tá a nota tirada no vestibulinho. Quais eram as matérias que vocês tinham? Você não fez esse, né.

CDB: Os vestibulinhos começaram depois de 80, 82, 83. Até 80 não havia vestibulinho.

MAGB: Mas você tinha um exame de seleção, não tinha?

CDB: Não. Não tinha.

MAGB: Então acho que é por isso que não acho...

CDB: Tinha vagas sobrando.

MAGB: Eu sempre acho um cartão dizendo que ele se escreve à 1a. série, para o exame de seleção à 1a. série.

CDB: Inclusive, naquela época...

MAGB: Sobrava vaga?

CDB: Sobrava vaga. E a gente tinha praticamente o 1o. ano, ele era básico. Então, o 1o. ano do curso de 4 anos, o aluno fazia, a turma toda junta, e aí ele escolhia, no 2o. ano, a matéria que ele queria. Se ele queria mecânica, metalurgia, eletro, as meninas, nutrição. Tinha mais um curso feminino. Então era por isso, que não tinha...

MAGB: Economia doméstica.

CDB: Economia doméstica.

MAGB: Ah! Então você é do tempo do 2o. grau básico. Chamava 2o. grau básico.

CDB: Isso, 1o. ano. A partir do 2o. ano era técnico.

MAGB: Ah! Entendi.

CDB: E tinha sobra de vaga, pouca procura. Por que? Porque a turma não queria mais estudar. Agora quem vinha tinha vontade.

MAGB: Mas você sabe que tinha umas classes imensas, né. Classes imensas.

CDB: Mas começava com 40 alunos e terminava com 20.

MAGB: 20 no 4o.ano?

CDB: No 4o.ano. Por que? Porque não era fácil. As matérias eram difíceis. Tinha que estudar muito.

MAGB: Você sabe que os dois cursos que mais tinham retenção aqui eram metalurgia e eletro?

CDB: Mas é puxado. Mas tem que ser. Acho que para ter bons alunos, bons formandos, tem que forçar. Eu não sou contra não. Acho que deve continuar assim.

MAGB: E o seu sempre foi noturno.

CDB: Sempre.

MAGB: Você sabia porque os alunos se evadiam? Hoje em dia a gente fala evasão. Por que eles eram desistentes? Tinha gente que desistia até no 4o. ano.

CDB: Tinha. Porque começava assim – quem chegava no 4o. ano, se tivesse a idade normal, vamos dizer assim, se não entrou tarde na escola, quando chegava no 4o. ano ele já poderia ir para a faculdade. Terminou o 3o. ano. Então eles iam pra faculdade no 4o. ano e abandonavam o 4o. ano. Então mesmo que a gente terminasse o 3o. ano com trinta e poucos, no 4o. ano vinha a metade porque 10, 15 iam pra faculdade, para não perder um ano de faculdade.

MAGB: Você tá falando um dado pra mim que eu não tinha pensado a respeito.

CDB: Agora o aluno que já era mais velho aí ele terminava... Mas quem tinha idade normal terminava o 3o. ano e ia pra faculdade. Então ele não parava. Vou fazer o 4o. ano se vou fazer a faculdade? Vou perder um ano? Era isso que acontecia.

MAGB: Mas a ideia devia ser bem essa porque ele não entregava estágio.

CDB: É. Entregava sim.

MAGB: Não. Mas quando não entregava estágio não era técnico.

CDB: Exatamente.

MAGB: Então tem um monte de aluno desistente aí porque não tinha estágio.

CDB: Eu sei.

MAGB: Mas a sua turma, peguei uma amostragem ali que eles fizeram o técnico depois [leia-se o estágio]: Equipamentos Varga, Máquinas Varga, o outro fez Braseixos.

CDB: Tão importante que era que, por exemplo, fui convidado pra dar aula em 81, me formei em 80. Como já trabalhava em indústria, né, tinha feito Senai (fui bom aluno no Senai), em 81 fui chamado aqui pra dar aula. Não tinha professores.

MAGB: A que você atribui isso?

CDB: Falta de mão de obra especializada no mercado.

MAGB: Você sabe que até hoje é assim, né.

CDB: Até hoje. Sou gerente de indústria. Hoje, eu sinto a falta de mão de obra técnica. Bons cursos técnicos são poucos. Eu tenho estagiário lá do Trajano, tenho do Cotel. Tenho muitos estagiários. Eu sou um dos que contrata. Só do Cotel, trabalhando comigo na Prometal (quando eu montei engenharia da Prometal) eu tenho quinze técnicos. Dos quinze, hoje dez são engenheiros que eu peguei desde menino.

MAGB: E você lembra da sua turma? Então esse dado aí que eles desistiam e iam fazer faculdade aqueles que chegaram até o 4o. ano e terminaram o técnico, você tem uma pista do que eles fizeram?

CDB: Tenho. Tem o Rui Geraldo Geraldello que tem uma loja hoje de auto peças. Se chama Auto Peças Motorista. Tem o Edson Padovan – o Edson Padovan é do Senac, tem o José Carlos Redondano, o Paulo Sérgio de Oliveira que era advogado, foi vereador de Limeira, o Pejon. Que seguiram carreira, que eu saiba, são poucos. Mas a turma se dava bem sim.

MAGB: Eu tenho a impressão de que é uma área boa. A parte de engenharia não é uma área boa?

CDB: Excelente. A minha teoria é: todos deveriam fazer ou técnico mecânico, o cara escolhe a área de elétrica ou mecânica – não dá pra fazer os dois. Tanto é que a gente mudou de eletromecânica para eletroeletrônica porque tinha assim um preceito que eletromecânica era o que precisava na indústria porque o cara tinha noções de elétrica e noções de mecânica, ele chegava lá e resolvia o problema.

MAGB: É isso que eu queria saber qual a diferença de um e de outro. Por exemplo, em Itatiba, eles têm, sempre tiveram, eletromecânica. O que faz o eletromecânico, o que faz o eletroeletrônico?

CDB: Eu tenho por base que é o mercado quem dita o que você vai formar. Então, ó, quando a gente tem eletromecânico, a gente pensa que o cara numa indústria, na área de automação, na área de manutenção, ele resolve o problema. Ele chega lá, se o problema é mecânico ele resolve, se o problema é elétrico ele resolve. Ele conhece as duas áreas. Mas o cara tem que ser bom. Aí as indústrias, naquela época, pediam isso. Eu quero os dois. Eu quero o cara que resolve.

MAGB: Dois em um.

CDB: Dois em um. Depois em 90, 95, foi passando o tempo, as indústrias passaram a criticar esse cara porque ele não era nem bom numa coisa nem bom na outra. Passaram a querer mecânicos, eletrônicos ou eletrotécnicos. Por isso que eu mudei o curso para eletroeletrônica. Porque ele saía ou eletrônico ou eletrotécnico. A gente como tinha mecânica aqui, então ficou mecânico e da área de eletro. Por isso que eu mudei o curso.

MAGB: E agora aqui está mudando mais uma vez, que agora é só eletrônica.

CDB: Mas o mercado está em falta de eletrotécnico. Eletrônica está saturando. Eu sou... bom, cada um ...

MAGB: Mas não é isso. Mas uma das coisas que tem é com relação ao mercado de trabalho. O que você diz do mercado de trabalho? Para quem faz, vai terminar a turma de eletroeletrônica, você acha que existe mercado de trabalho?

CDB: Existe. Bastante.

MAGB: Bom pra técnico?

CDB: Bom pra técnico. Agora eu ainda acho que hoje o mercado pede mecatrônico. Poucas escolas têm automação industrial. Então, que é o que tem aqui um pouco no Trajano, que é mecânica, elétrica, eletrônica, pneumática e hidráulica. Isso tudo junto forma mecatrônica. É o que a indústria quer hoje. Porque a indústria tem robô, tem *transfers*, todas as máquinas são eletrônicas com controladores programáveis. A indústria hoje quer o mecatrônico. Ela não quer três caras. Ela quer ter um só. Então eu sou favorável hoje a pegar uma pessoa só. Mas você teria que formar esse cara. Aqui em Limeira, só tem uma escola que forma esse profissional.

MAGB: Qual é?

CDB: A Einstein. O curso de instrumentação eletrônica que envolve toda essa área que falei.

MAGB: E essa instrumentação é técnico? Na Einstein.

CDB: Técnico na Einstein.

MAGB: E se fosse engenharia?

CDB: Maravilhoso. Mecatrônico, ou engenharia de automação ou engenharia de instrumentação.

MAGB: Porque tem tanta engenharia, né. Mas eu acho que é o tipo da coisa que tem mercado de trabalho.

CDB: Tem. Tem muito mercado de trabalho.

MAGB: E quando você estudava aqui, o que achava dos laboratórios que tinha aqui? Do tempo de aluno, depois do seu tempo de coordenador. Quando você acha que deu um *up*, uma subida na coisa? No tempo de aluno era...

CDB: No tempo de aluno era rarefeito. Não tinha laboratório. A gente improvisava, a gente trazia de casa, a gente pedia doação para as indústrias, restos das indústrias pegava e arrumava aqui.

MAGB: E fazia vista técnica?

CDB: Fazia. Muita.

MAGB: Até onde vocês iam?

CDB: A gente ia na Fumagalli, na Varga, na Metal Leve, em S. Paulo, na Bosch. A gente visitou muita coisa.

MAGB: Os professores levavam?

CDB: Levavam. Paulo Silveira, Zé Henrique. Todos adoravam que a gente conhecesse as indústrias. Era mito bom.

MAGB: Isso supria uma parte do laboratório que não tinha.

CDB: Uma parte sim, uma grande parte. Depois, quando fui coordenador, eu visando esses conceitos que não tínhamos recursos financeiros, eu também pedia material para as indústrias, pedia doações. Consegui grandes doações da Pantec em São Paulo. E a gente foi montando o laboratório com sobras. E foi fazendo, foi montando. Quando passou pra Fatec, que aí a Fatec englobou o Trajano, como eu não tinha engenharia ainda, eu fui excluído. Então fiquei meio deslocado. Achei melhor ir embora. Aí fui pra Einstein. Aliás fui muito valorizado na Einstein. Fiquei lá até a morte do Roberto. Quando o Roberto morreu, o dono da Einstein, eu fiquei muito chateado. Eu gostava muito dele. O filho dele era meu aluno. Adorava ele. Daí eu parei. Fiquei um ano sem dar aula. Aí fui pro COTIL, pra Unicamp. Mas sempre gostei de aula.

MAGB: É interessante, né. É uma pergunta que preciso fazer para os professores daqui. Porque todos os professores da área elétrica são bem preparados. Todos eles fizeram engenharia elétrica, com especialização em eletroeletrônica. Agora você tá falando umas outras coisas que vou passar pro Carlão. O Carlão você conhece, não?

CDB: Conheço.

MAGB: Então aqui tem o Carlão, tem o Álvaro, tem o Jézer. Quem mais? Tem o Marquinho que é de Araras, tem o Ederaldo que é da parte da informática, tem o Benelli que é do Senai. São esses aí que eu lembro daqui. Bazana, e quando você foi coordenador, o que tem pra falar? O mercado você disse que é bom. O pessoal você disse. Disse também que tem algum material a respeito. O que você tem pra falar sobre a escola, o seu tempo de aluno, o seu tempo de coordenador, etcetera e tal.

CDB: Posso dizer assim...

MAGB: Fala.

CDB: Da época de coordenação, os seis cursos que nós tínhamos, os seis coordenadores eram unidos, unidos ao extremo. A gente lutava por essa escola aqui, dava o sangue pelo Trajano. Tanto é que teve a morte da Márcia, nós pusemos ela como diretora, porque nós tiramos a outra diretora que veio de para queda.

MAGB: A Clara.

CDB: Essa não é a Clara.

MAGB: Era a Clara sim.

CDB: Mesquita, né. A Lélia Mesquita.

MAGB: Ah não. A Lélia, nossa, a Lélia eu nem sabia.

CDB: Ela caiu de para queda jogada pela Fatec. Nós tiramos ela.

MAGB: O Centro Paula Souza, você quer dizer?

CDB: É. O Centro Paula Souza jogou a Lélia aqui de para queda.

MAGB: Eu não sabia não. Nunca ninguém me falou dela.

CDB: Nós tiramos ela daqui. Nossa, era péssima. A pior coisa do mundo.

MAGB: Agora entendo.

CDB: Aí nós pusemos a Márcia. A Márcia foi lutadora, guerreira junto com a gente. Morreu assim bestamente.

MAGB: Bestamente. Nova de tudo.

CDB: Hoje eu trabalho com o marido dela, ex-marido dela.

MAGB: É, é, Zé Antonio?

CDB: Zé Antonio, ele é meu patrão. Olha a escola sempre foi unida. Os coordenadores eram unidos, um lutava pelo outro, ninguém criticava os outros, falava o que tinha que falar de frente, levantava essa escola. A gente empurrava a escola. Na época de aluno, como disse no começo, a gente tinha sede de aprender, queria porque queria. Se a gente não tava gostando de alguma coisa a gente criticava, pedia, impunha e sempre deu certo. Então o Trajano foi, pra mim, foi a minha escola. Os melhores professores, mesmo na época do ginásial. Fui aluno da Maria José Negro, da Ana Carolina, Maria Jorgina, Dyrécia Ciarrochi. Essa era a melhor escola do mundo. Não tinha igual.

MAGB: E você sabe que outro dia descobri o Troféu Fumagalli 1964, Coral Limeirense, que deve ser da D. Dyrécia. E o pior é que eu não tenho informações a respeito dela.

CDB: E o Matraca? Lembra do grupo Matraca? Farid. Nossa! Esse homem.

MAGB: Você pegou um tempo bom, né, na escola.

CDB: A escola funcionava e era muito maravilhosa. A escola era *show*. Não tinha o que falar mal do Trajano. Não tinha.

MAGB: Bom, depois as coisas vão mudando. Mas sabe, o que acontece? O passado, ele dá lição.

CDB: Com certeza.

MAGB: Ele dá lição, e quando eu conto pros outros o que era, na maneira de agir. E você não acha isso? O compromisso. Você precisa ter o conhecimento mas você precisa ter um compromisso com tudo aquilo que você faz.

CDB: Hoje eu posso dizer assim. Às vezes, o pessoal me critica - Bazana, você acabou de aprender robótica, você já está ensinando os outros. Por que não guarda esse conhecimento pra você? Gente, até hoje eu tive sucesso na minha vida exatamente porque eu ensino tudo aquilo que eu aprendo. E eu aprendo mais do que ensino. Quanto eu mais ensino mais aprendo. Então, eu nunca sei nada, eu sempre aprendo mais. No primeiro dia de aula, com meus alunos na escola, eu digo pra eles – gente, vocês estão a fim de aprender? Eu aprendo mais do que vocês. Só de você ensinar você aprende. É a melhor coisa do mundo. E tá no sangue. Eu gosto disso.

MAGB: É isso aí. Você tem mais alguma coisa para falar? Nossa, mas tá curtinha demais isso aqui. Isso aqui ao invés de fazer em 10 horas eu vou fazer em 5 horas.

CDB: Vamos combinar o seguinte? Me chama mais vezes.

MAGB: Não. É difícil conseguir você. Se eu fizer a complementação, não deu nem quinze minutos de gravação. Tem mais alguma coisa para falar?

CDB: Não.

MAGB: Foi tudo muito rápido.
[não falei na gravação] Bazana, muito obrigada pelas informações e pelo tempo dispendido.

Descritores

Formação na área técnica de mecânica
Formação na área técnica de eletromecânica
Formação na área técnica de eletroeletrônica
Automação
Curso de eletromecânica
Cursos de eletrônica
Montagem do laboratório com doações de empresas
Visitas técnicas
Cursos técnicos de nível médio
Mercado de trabalho
Escola Técnica Estadual Trajano Camargo
Centro de Memória
História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Marlene Aparecida Guiselini Benedetti
César Donizetti Bazana

Dados Bibliográficos do Entrevistado



Fotografia: Marlene Benedetti, 03/06/2015

César Donizete Bazana nasceu em 25 de novembro de 1961, em Caconde/SP. Fez educação básica: o primário no Grupo Escolar Dr. Cândido Lobo (1967-1969), em Caconde e no Grupo Escolar Prada (1970-1971), em Limeira; o curso ginásial no Centro Estadual Interescolar Trajano Camargo, (1973-1976); o curso técnico em Eletromecânica na Escola Estadual de 2º grau (EESG) Trajano Camargo (1977-1980); o curso de Mecânica Geral na Escola SENAI Luiz Varga (1977-1979), em Limeira, e o curso de Ferramentaria na Escola SENAI Roberto Mange (1980), em Campinas. Curso superior de Engenharia Mecânica na Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP; Licenciatura em Pedagogia na Universidade Paulista – UNIP; e pós graduação em Pedagogia Empresarial na UNINTER. Trajetória profissional e instituições ou empresas onde trabalhou Empresas - entre os anos de 1977 a 2018: Rockwel Fumagalli (1977-1985, 3 anos como aprendiz do SENAI e, depois, como profissional de automação); Freios Varga (1985- 1993, especialista em automação); Irmãos Galzerano Escapamentos (1993-2001, gerente de ferramentaria e manutenção); Metalurgica Brun (2002-2003. como gerente de engenharia; Tecnopress Automação, em São Paulo (gerente geral); Prometal, em Limeira, de 2004 a 2018, como gerente de engenharia de manufatura, onde se aposentou. Escolas onde lecionou: Escola SENAI de Limeira (1982-1983); escola Trajano Camargo (1984-1996 professor e coordenador do curso de eletromecânica e eletroeletrônica); Faculdades Einstein (1996-2007, professor e coordenador do curso técnico em instrumentação); Colégio Técnico de Limeira (COTIL / UNICAMP) como professor e como Diretor Administrativo, de 2009 até o momento – janeiro de 2020) Ocupação atual –Diretor Administrativo do COTIL/ UNICAMP

Dados Biográficos da Entrevistadora



Fotografia: Dugan Robbins, 31/12/2018

Marlene Aparecida Guiselini Benedetti nasceu em 15 de abril de 1946, em Limeira, SP. Fez educação básica: o primário (1a. a 4a. série) no Grupo Escolar Cel. Flamínio Ferreira de Camargo e o ginásio (5a. a 8a. séries) no Instituto de Educação Castello Branco; magistério ou curso normal na mesma instituição. Curso superior: Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (atual UNESP); História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG); Estudos Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ouro Fino (MG). Trajetória profissional: Professora de 1o. e 2o. graus na rede estadual: início, em 1968, em Araras, no Ginásio Industrial Estadual Alberto Feres e, a partir de 1970, em Limeira, nas atuais escolas estaduais: Castello Branco, Prof. Nestor Martins Lino, Profa. Ruth Ramos Cappi, Prof. Lázaro Duarte do Páteo, Prof. Antonio Perches Lordello. Exerceu, durante um ano o cargo de diretora e, por dois anos, o de coordenadora de projeto de reestruturação do curso noturno, no Perches Lordello. Em 1995, começou a lecionar na Etec Trajano Camargo. Tem realizado pesquisas sobre a história da escola Trajano Camargo, desde 2008. Faz parte do GEPEMHEP- Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional.

Anexos:

Termo de Cessão dos Direitos Autorais do entrevistado

Termo de Autorização para uso de Imagem do entrevistado